

já com chapa completa. Não era mais apenas presidente, secretário e tesoureiro. Discutido como seria esta chapa, ficou decidido que eu encabeçaria a chapa no lugar do Maciel, que também fez parte, assim como o Jaider”.

## A PRIMEIRA ELEIÇÃO

Sempre independente e crítico em relação às tendências que predominavam no movimento sindical da década de 60, como o Partido Comunista e agremiações de esquerda ou a Igreja Católica, através dos movimentos de base, Noman disse que procurou organizar a primeira chapa do Sindicato de acordo com o que pensava que seria o mais correto politicamente. “diferente daqueles chavões e slogans, muito usado pelo pessoal treinado da esquerda”, salienta, fazendo uma breve consideração: “Existem organizações que têm tempo para atingir seus objetivos. Uma delas é a Igreja. A Igreja Católica, se resolver o problema hoje está bem, mas se for daqui a 500 anos também está bem. Eles têm uma estrutura que não exige pressa, não precisa correr. A outra, era o Partido Comunista da época, que também tratava de formar seus quadros, suas bases, recrutava seu pessoal, treinava e atingia seus objetivos políticos quase sempre através do movimento sindical. Este pessoal é que eu digo que estava cheio de slogans, cheios de doutrinação”.

Avesso ao discurso e à tática da esquerda, Jorge Noman articulou a eleição do seu jeito: “Primeiro, dividi a usina por setores, pelo Alto-forno, Laminação, Aciaria, Coqueria e oficinas mecânicas. Tinha que tirar meus companheiros destes locais de trabalho e tinha que descobrir quem eram eles, quem tinha voto e podia ajudar a ganhar uma eleição. Fui a estas áreas e reuni aqueles que eram tidos como gente de alguma projeção. Pedi que me indicassem os companheiros para colocar no Sindicato e me indicaram o Zequita, no caso das oficinas mecânicas.



**Reunião do Conselho da FITIM para a América Latina e o Caribe**

Na sinterização, me indicaram o Ascy Castello. Ele tinha pendores para fazer boletins, jornais. Na Coqueria indicaram o Oner Renó, que tinha vindo de Santa Rita do Sapucaí. De certa forma, estas pessoas que fizeram comigo a primeira diretoria eram completamente desconhecidos. Alguns eu conhecia de vista. Outros, nem isso. Não procurei colocar meus cupinchas no Sindicato. Eu procurei colocar pessoas representativas dentro dos

seus setores. Resultado: houve chapa de oposição, mas nós ganhamos a eleição com mais de 70% dos votos e lá eu fiquei por vários anos”.

“Assim criamos o sindicato, fomos eleitos e começamos a trabalhar. Depois vieram as lutas, que não foram poucas, mas isso é outra história, já não faz parte da história da fundação do sindicato, é a vida do sindicato”, conclui o fundador e ex-dirigente do Sindipa.

## UM TEÓRICO BEM PRAGMÁTICO

“Sempre me chamaram de teórico. O pessoal da esquerda dizia que eu era pelego, mas de nível muito elevado, um burguês. Era uma maneira de tentar me desclassificar e ao mesmo tempo dizer que eu era uma pessoa inteligente, que conhecia as coisas.

O quê que a esquerda chamava de burguês, na época? O cara que tem um carro, uma casa própria, que pode educar os filhos. Então, o trabalhador, para ser um instrumento de luta tinha que ser um sofredor, um miserável, um passa-fome. Não era a minha opinião. Eu não estava nem aí para isso. Se pudesse, eu daria aos trabalhadores casa, comida, colégio para os filhos, mulher bonita. Eu achava que minha obrigação era funcionar como uma espécie de advogado de defesa dos trabalhadores. E quanto pior tivesse o trabalhador, mais ele precisava deste advogado.

Eu costumo dizer que minha sorte não foi ter sido sindicalizado ou catequizado antes de entrar para a vida sindical. Eu não conhecia o negócio. Então, eu entrei com a cara e coragem e com as idéias que eu tinha na época. Valeu a pena”.